

## PNEUMATOLOGIA NO TRATADO “DA LIBERDADE CRISTÃ”, DE MARTIM LUTERO

Martin Timóteo Dietz<sup>\*</sup>

### Resumo:

Este artigo resume a tese doutoral do autor e analisa a compreensão do Espírito Santo em um dos textos clássicos do Protestantismo. Inicialmente motivado pelo avanço de movimentos de origem pentecostal, o texto procura por pistas para uma pneumatologia identificada com a teologia e a tradição luteranas, com vistas a dialogar com outras tradições pneumatológicas e experiências pneumáticas. Levando em consideração o anseio pela experiência religiosa, a responsabilidade ético-social da Igreja e o diálogo ecumênico internacional como contextos primordiais das reflexões pneumatológicas, o artigo apresenta a pneumatologia de Lutero como experimentar a condescendência divina, pela fé, e compartilhar da mesma condescendência divina, pelo amor. O enfoque do Reformador é soteriológico, abrindo horizontes para a ética. O Tratado “da Liberdade Cristã” formula uma experiência pneumática mediada pelos sentidos, com destaque, mas não exclusividade, da audição. Ao mesmo tempo, descobre a criação como seu campo de atuação.

**Palavras-chave:** Lutero. Pneumatologia. Liberdade cristã.

### Abstract:

This paper presents in condensed form the doctoral thesis of the author. It analyses the understanding of Holy Spirit in a classical text of Protestantism. It was motivated at first by the increase of movements of pentecostal origins. It looks for traces of a pneumatology identified with Lutheran theology and tradition, and open to dialogue with other pneumatological traditions and experiences. Primary contexts for pneumatological reflection are the longing for religious experience, the ethical and social responsibility of the church, and the international ecumenical dialogue. In this setting the paper presents Luther's pneumatology as focusing on experiencing divine condescension through faith, and sharing this condescension through love. The Reformer's focus is soteriological, opening horizons for ethics. The tract “on Christian Freedom” proposes a pneumatic experience mediated by the senses, especially but not exclusively by hearing. At the same time, it discovers creation as the context of expression of this experience.

**Keywords:** Luther, pneumatology, Christian freedom.

### Considerações preliminares

O movimento pentecostal, em suas mais diversas variantes, tem sido, desde seus primórdios no início do Séc. XX, sabidamente a corrente teológica e o

---

<sup>\*</sup> Martin Timóteo Dietz. Graduado em Teologia. E-mail: [martin.dietz@hotmail.com](mailto:martin.dietz@hotmail.com). O presente texto representa uma síntese da tese doutoral apresentada à Universidade de Erlangen-Nürnberg (Alemanha), sob o título: “*De libertate spiritus: Pneumatologie in Luthers Freiheitstraktat*”. A orientação esteve a cargo do Prof. Dr. Wolfgang Schoberth.

fenômeno espiritual cristãos que mais se difundiu mundo afora. No Brasil, maior país católico do planeta, recentes dados estatísticos indicam que mais de 20% da população se declara pertencente a uma Igreja Evangélica. Deste universo, a maioria está ligada a Igrejas de cunho pentecostal<sup>1</sup>. Juntamente com o avanço das Igrejas Pentecostais e Neo-Pentecostais observa-se uma espécie de pentecostalização das Igrejas Protestantes chamadas históricas ou, ao menos, o surgimento de movimentos carismáticos em seu meio. Aparentemente ou de fato, os movimentos pentecostais e carismáticos têm conseguido dar respostas aos anseios existenciais de uma vasta parcela da população: emocionais, estéticos, intelectuais e até mesmo econômicos e outros.

Em contrapartida, a Igreja Católica e as Igreja Protestantes históricas se vêem mais e mais empurradas a uma posição de defensiva. A não-adoção de um discurso pentecostalizado ameaça lançar Igrejas na irrelevância, conduzindo a uma acentuada perda de fiéis que pode, em alguns casos, num futuro mais ou menos próximo significar até mesmo a extinção de uma ou outra denominação.

O dilema aqui brevemente descrito atinge também o Luteranismo. Ao menos no que diz respeito às Igrejas Luteranas na Europa e no Brasil, ao invés de crescimento, parecem dominar estagnação e resignação. Espalha-se uma sensação difusa ou explícita de que é difícil envolver os próprios membros e ainda mais difícil cativar estranhos a filiar-se à própria denominação.

Do ponto de vista teológico, estamos falando da experiência do agir do Espírito Santo. A crise que alguns julgam ter que diagnosticar em uma Igreja como a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) seria causada pela ausência do sopro do Espírito Santo em seu meio. Até mesmo a Teologia acadêmica europeia tem atestado, vez por outra, a si própria e, implicitamente, às respectivas Igrejas, um “esquecimento do Espírito” que precisaria ser superado.

O envolvimento de um teólogo luterano com a Pneumatologia confronta-se, pois, com um duplo desafio. Por um lado, a pergunta pela tradição teológica. Como ela fala a respeito do Espírito Santo? Haveria, dentro dela, elementos esquecidos que podem ser resgatados, ressaltados, destacados? Ou teremos que, ao fim e ao cabo, admitir que o “esquecimento pneumatológico” luterano vem de berço, podendo

---

<sup>1</sup> Cf. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião*. 29.06.2012. Disponível em: < [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2170&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1) >. Acesso em: 31.07.2012.

apenas ser superado mediante recurso a outras tradições? Por outro lado, o desafio da atualidade: de que maneira uma Igreja de confissão luterana pode dar um testemunho do agir do Espírito Santo que seja relevante cinco séculos depois do início da Reforma Protestante? Não se trata de ceder a tentações, digamos, “mercadológicas”, mas de levar a sério as pessoas em suas dores, alegrias, anseios, preocupações e necessidades.

### **O tratado “Da liberdade cristã”**

#### *Amnésia pneumatológica?*

Olhando-se para a história do movimento da Reforma, no séc. XVI, percebe-se que, já em seus primórdios, se manifesta o anseio por experienciar o agir do Espírito Santo. Lutero reagiu ao apelo por experiências diretas do agir do Espírito Santo e insistiu na mediação criacional da manifestação pneumatológica. A palavra, oral e sacramental, é o meio que nos foi dado, pelo qual devemos e podemos nos relacionar com Deus e Seu Espírito<sup>2</sup>. A pesquisa sobre Lutero tem, de uns tempos para cá, enfatizado a imporância da Pneumatologia para o pensamento do Reformador<sup>3</sup>. Ao mesmo tempo, destaca que a compreensão de Lutero acerca do Espírito Santo se desenvolveu a partir do conflito do Reformador com autores e grupos ditos “radicais”<sup>4</sup>. Tal constatação traz consigo, porém, a suspeita que, possivelmente, também Lutero tenha sido, originalmente, acometido de “amnésia pneumatológica”, até ser lembrado do Espírito por Karlstadt e outros. Seria a pneumatologia, na teologia de Lutero, uma espécie de anexo que, eventualmente, pode faltar no texto principal? Seria o “esquecimento do Espírito” uma característica luterana que nos vem desde as suas origens?

O tratado *Da liberdade cristã*, de 1520, ajuda a responder a tais perguntas. Trata-se de um texto anterior às dissensões de Lutero com os, assim ele os denominou, “Schwärmer”, “entusiastas”. Portanto, qualquer referência ao Espírito não é mera reação a eventuais questionamentos, mas parte integral do pensamento teológico de Lutero. Pergunta-se: que papel exerce o Espírito Santo em um texto

<sup>2</sup> Cf. LINDBERG, Carter. *As Reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 117-120,164-202,238-272.

<sup>3</sup> Cf. LOHSE, Bernhard. *Luthers Theologie in ihrer historischen Entwicklung und in ihrem systematischen Zusammenhang*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995, p. 248-254.

<sup>4</sup> Cf. ASENDORF, Ulrich. *Heiliger Geist und Rechtfertigung*. Göttingen: V&R unipress, 2004, 29-31,259-319. Cf. porém a posição divergente de PRENTER, Regin. *Spiritus Creator*. Studien zu Luthers Theologie, München: Chr.Kaiser, 1954, p.13, que enfatiza a continuidade da reflexão pneumatológica de Lutero.

que, à sua maneira, nos introduz ao centro do labor teológico de Lutero e, ao mesmo tempo, apresenta uma espécie de síntese do mesmo? Poderia *Da liberdade cristã* indicar pistas para uma reflexão pneumatológica em nossos dias: comprometida, por um lado, com a tradição da Teologia de Lutero e das Igrejas Luteranas; por outro lado, aberta ao diálogo com outras tradições e experiências do agir do Espírito Santo?

*A estrutura do Tratado; “carne e Espírito” como chave hermenêutica*

À primeira vista, *Da liberdade cristã* não tem, de modo nenhum, relevância pneumatológica. A dupla tese da liberdade pela fé e do serviço em amor é o tema que o Tratado se propõe explicitar. A perspectiva pneumatológica não demora, porém, a se manifestar e perpassa todo o escrito. Para demonstrá-lo, faço uso da versão latina do *Tratado*, lançado concomitantemente a uma versão alemã<sup>5</sup>. A versão latina<sup>6</sup> é mais extensa e considerada, além disto, mais esmerada e precisa do que a outra<sup>7</sup>. De início, Lutero apresenta (1) reflexões introdutórias nas quais, primeiramente, esclarece o objetivo do Tratado. O Reformador almeja esclarecer o que é, afinal, a fé. Não é à toa que há quem diga que o *Tratado* também poderia se chamar: *De fide christiana*. Pois a liberdade da qual Lutero fala não é simplesmente um universal antropológico, mas *nota fidei*, um bem concedido à fé e pela fé.

A seguir, ainda a título de introdução, apresenta a “dupla tese paradoxal”<sup>8</sup> da liberdade e do serviço da pessoa cristã. Segue, então, a menção das testemunhas da tese do Tratado. Primeiro, a Escritura Sagrada, na pessoa de Paulo. A seguir, Jesus Cristo, aquele que viveu, em plenitude, liberdade em serviço. Finalmente, a antropologia. A “pessoa humana”, assim Lutero,

é constituída de dupla natureza, a espiritual e a corporal. De acordo com a natureza espiritual, que denominam a alma, ela é chamada de pessoa espiritual, interior, nova. De acordo com a natureza corporal, que denominam a carne, ela é chamada de pessoa carnal, exterior, velha<sup>9</sup>.

<sup>5</sup> Cf. DREHER, Martin N. Introdução. In: LUTERO, Martinho. Carta de Lutero a Leão X, Sumo Pontífice. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. v. 2: O Programa da Reforma, Escritos de 1520, p. 425-426.

<sup>6</sup> Uma tradução em português encontra-se em: LUTERO, Martinho. Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. v. 2: O Programa da Reforma, Escritos de 1520, p. 436-460.

<sup>7</sup> Cf. RIEGER, Reinhold. Von der Freiheit eines Christenmenschen / De libertate christiana. *Kommentare zu Schriften Luthers*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2007. v.1, p. 37.

<sup>8</sup> DREHER, 1989, p. 435.

<sup>9</sup> LUTERO, 1989, V.2, p. 437.

A terminologia e a forma de argumentação lembram, aqui e ali, paradigmas platônicos e aristotélicos que exaltam a interioridade e menosprezam a exterioridade. Observa-se o Tratado, porém, mais de perto, ver-se-á que não é esta a intenção. O que ele tem em vista é, antes, demonstrar a condição eminentemente relacional do ser humano, especificamente da pessoa cristã. O que ele chama de “pessoa interior” é a forma que o Reformador encontra para caracterizar o relacionamento do ser humano com Deus. A “pessoa exterior”, por sua vez, é o ser humano em suas relações humanas: consigo mesmo e com o seu semelhante. Esta dupla relacionalidade demarca a estrutura básica do Tratado.

À polaridade entre o ser humano “interior” e “exterior” junta-se uma segunda. Trata-se do conflito representado por “carne” e “espírito”. O contato com o pensamento grego frequentemente induziu a Teologia cristã a identificar “carne” com matéria e “espírito” com imaterialidade. O próprio Lutero nem sempre usa de plena clareza terminológica. De um modo geral, no entanto, Lutero bem percebe o equívoco por trás da identificação de corpo com “carne” e de “espírito” como imaterialidade. “Carne” sintetiza o que cada ser humano é em si mesmo; “espírito” a pessoa cristã é na medida em que experimenta em si a ação do Espírito Santo. Nesta compreensão de “carne” e “espírito” não há separação de “partes” do ser humano. A pessoa toda é carne, enquanto se fecha à fé que é ativa no amor. Inversamente: o ser humano todo é “espírito”, quando e onde é movido pelo Espírito divino.

Estas duas polaridades – entre pessoa interior e pessoa exterior, de um lado; entre carne e espírito, de outro – perpassam o Tratado *Da liberdade cristã*. Observar apenas a primeira, sem perceber a segunda, significaria ignorar a força que possibilita, respectivamente ameaça a vivência da fé em amor. Reparando-se, por sua vez, na polaridade entre carne e espírito como chave hermenêutica do Tratado, percebe-se automaticamente o seu caráter eminentemente pneumatológico. O conflito entre carne e espírito é o horizonte dentro do qual acontece ou deixa de acontecer liberdade de fé em amor. A base bíblica que Lutero usa para, em livre responsabilidade própria, desenvolver sua compreensão da liberdade cristã se encontra em Rm 7-8 e Gl 4-5. Que, no mais, pouca referência explícita é feita ao Espírito Santo, não anula as observações fundamentais aqui

apresentadas. Dá, antes, pistas para a compreensão do perfil da Pneumatologia proposta por Lutero.

*A fé: recepção pneumática da (con)descendência divina*

Como Lutero entende o agir do Espírito Santo? *Da liberdade cristã*, evidentemente, não é um compêndio, um manual de Pneumatologia. Lutero também demonstra pouco interesse por questões ligadas à Teologia dita *imane*nte. Não é o Espírito Santo em si, quem sabe, sua participação nas relações intra-trinitárias, que atrai a atenção do Reformador. O que lhe interessa é, em linguagem tradicional: a *economia*, aquilo que o Espírito Santo faz, realiza.

O benefício por excelência operado pelo Espírito Santo é a fé. Na fé, para Lutero, concentra-se toda a Teologia. A fé, como fruto do Espírito Santo, é fé em Cristo que, por sua vez, é o caminho e a porta de acesso para o Pai e as suas obras. A fé, além disto, frutifica no amor. Poderíamos seguir e relacionar a fé a todos os possíveis e imagináveis *loci* dogmáticos. A fé é, não por último, a liberdade cristã, da qual Lutero fala.

A primeira parte principal do Tratado tem por tarefa expor a dinâmica da fé. Fé é experiência, diz a introdução do Tratado<sup>10</sup>. De que experiência se trata? Daquela experiência propiciada pelo confronto com as duas Palavras de Deus: Lei e Evangelho. A Lei condena o ser humano como pecador. Pecado, para Lutero, é categoria teológica, não ética. O ser humano é, por natureza, encurvado em si mesmo. Ele quer ser seu próprio centro, opõe-se a encontrar seu centro em Deus, seu Criador. Por perder seu ponto de referência em Deus, o ser humano faz de si mesmo um ídolo e perde também sua real humanidade. Os fracassos morais são decorrência e consequência desta disfunção fundamental.

A exigência divina flagra e condena o ser humano como pecador. A outra Palavra de Deus, o Evangelho, anuncia, dá o que o ser humano a bem-aventurança que ele não encontra em si mesmo. Lutero fala, alternativamente a Evangelho, da *promessa* de Deus. No caso, promessa não remete a eventos a se cumprir no futuro, mas designa a boa Palavra de Deus que concede “graça, justiça, paz, liberdade, e tudo”<sup>11</sup> a quem nela crê.

---

<sup>10</sup> Cf. LUTERO, 1989, v. 2, 436-437.

<sup>11</sup> LUTERO, 1989, v. 2, 440.

A força, o poder, da fé Lutero percebe, uma vez, no cumprimento da Lei divina. A fé que confia na promessa concede a Deus a honra que Lhe é devida e, assim, observa o primeiro e maior de todos os mandamentos. Lutero confia que a observância dos demais mandamentos decorre de modo natural da honra que é dada a Deus pela fé. Além disto, mas subordinado ao anterior, Lutero entende a fé como um processo de unificação. A linguagem usada vem da mística, mas também revela antecedentes bíblicos. A fé une a pessoa cristã à palavra de forma tão profunda quanto o ferro se torna em brasa quando colocado no fogo, tornando-se os dois indistinguíveis. A união da pessoa crente com Cristo é tão íntima quanto a união matrimonial. Trata-se, porém, de uma união desigual. O noivo, Jesus Cristo, concede à noiva, à alma pecadora, sua justiça, enquanto esta compartilha com o noivo a sua injustiça e o seu pecado. Tudo se lhes torna comum: a justiça do noivo é concedida à noiva, ao passo que ele passa a ser participante dos pecados, fracassos e faltas dela.

Ao descrever a fé como experiência de unificação de parceiros completamente desiguais, Lutero descreve um movimento descendente da parte de Cristo. O Filho de Deus, aquele um que era igual a Deus, se humilhou, assumindo a forma de servo. A fé é experiência do Cristo que desce até às profundezas do pecado, do fracasso humanos, a fim de revelar a graça, a justiça e a misericórdia divinas. Lutero usa, pois, linguagem mística, para inverter uma idéia mística comum. A experiência mística frequentemente foi compreendida como arrebatamento que arranca o místico de sua condição terrena e o transfere a uma realidade celestial. Lutero inverte a direção. Para ele, o céu desce à terra, Cristo se humilha, unindo-se aos pecadores, tomando sobre a si a injustiça deles e lhes dando sua própria justiça.

Sem alarde e sem maiores menções ao Espírito Santo, Lutero descreve a fé como experiência pneumática da condescendência divina. Na linguagem coloquial usual, “condescendência” tende a ter conotação pejorativa. Gostaria, aqui, de Lhe dar um significado positivo. “Condescendência” se refere ao ato divino de, em Cristo, *descer* às profundezas da existência humana, para estar *com* o ser humano. Neste sentido, a pneumatologia propugnada por Lutero tem o caráter de uma *pneumatologia crucis*. Pois a fé recebe o benefício da justiça conquistada pela morte de Cristo na cruz.

A fé percebe, pois, três movimentos distintos. Uma vez, o movimento entre passado e presente: o que aconteceu na sexta-feira Santa deixa de ser mera

reminiscência e passa a ser realidade atual; Jesus Cristo não é mais apenas personagem histórico, mas Senhor presente. Ao mesmo tempo, há o já descrito movimento de cima para baixo. E, por fim, a dialética entre interior e exterior: a experiência pneumática que forma aquilo que Lutero chama de “homem interior”, não é experiência de pura interioridade. Pelo contrário: ela tem seu referencial na exterioridade da palavra, de Lei e Evangelho.

*O amor: doação pneumática da (con)descendência divina*

Depois de apresentar brevemente o perfil da pneumatologia implícita na experiência da fé, volto-me ao amor como serviço oficiosíssimo<sup>12</sup>. Basicamente, o amor apresenta, para Lutero, o mesmo perfil que a fé. A diferença maior consiste no lado no qual se encontra o cristão. Enquanto a fé é receptora dos bens salvíficos, graça, paz, liberdade, etc, o amor é doador dos mesmos bens. Em relação a Deus, a pessoa cristã pode somente ser *passiva*, receptora. *Ativa* ela é apenas em relação a si mesma e ao seu semelhante.

A descrição da relação da pessoa cristã consigo mesma, que Lutero introduz como uma espécie de excursão, traz à tona e explicita o conflito entre carne e Espírito<sup>13</sup>. Enquanto que, em sua descrição do relacionamento da pessoa cristã com Deus pela fé e com o próximo em amor, Lutero faz apenas referência implícita ao Espírito como a força motriz desta dupla relação, na descrição da relação da pessoa cristã consigo mesma o Reformador enfatiza a problemática envolvendo a carne, como força que se opõe ao agir do Espírito. As tendências ascéticas que esta digressão apresenta levantam questionamentos. Apesar das ressalvas que poderiam ser formuladas ao que Lutero afirma, gostaria de destacar alguns aspectos que considero positivos. A referência à carne como realidade ainda presente na vida da pessoa cristã leva em consideração o “ainda-não” escatológico. A experiência pneumática da fé que frutifica no amor não ignora as ambivalências ainda presentes na vida da pessoa que crê. Por isto, para Lutero, a vida da pessoa cristã é, sempre, luta contra si mesma, contra o próprio egoísmo. A intenção do Reformador é preservar o olhar da pessoa cristã livre para Cristo e para o seu próximo. Perdendo-se em Cristo e no próximo, ela encontra a si mesma.

<sup>12</sup> Cf., a respeito da dignidade sacerdotal e real do cristão como consequência da fé LUTERO, 1989, v. 2, 443-446.

<sup>13</sup> Cf. LUTERO, 1989, v. 2, 447-451.



Depois desta digressão sobre o auto-relacionamento da pessoa cristã, Lutero passa a descrever o serviço oficiosíssimo do amor<sup>14</sup>. O amor, diz Lutero, passa adiante o que a fé recebeu. O enfoque é soteriológico. A justificação experimentada pela fé é dádiva que a pessoa cristã compartilha com o seu semelhante. Importante é que se observe, também aqui, a perspectiva descendente que norteia a reflexão de Lutero. A pessoa cristã alcançada pela justificação não volta seu olhar para cima, para céu ou para a glória, mas para baixo, para dentro da miséria, do fracasso e do pecado humanos. A pessoa incrédula, indica Lutero, se ofende e se escandaliza com os tropeços alheios; a pessoa cristã, se compadece. Suportando as fraquezas alheias e anunciando o perdão, a pessoa cristã se torna, ela mesma, um Cristo para seu próximo. Assim como a fé é experiência pneumática, igualmente o amor, fruto da fé, o é. Também neste caso, trata-se de *pneumatologia crucis*. Pois o amor, por um lado, dá testemunho do crucificado. Por outro, carrega em si mesmo as marcas da cruz e se doa a outros que, de modo semelhante, se encontram sob o signo da cruz.

O balanço final das considerações das duas partes principais, referentes ao relacionamento da pessoa cristã com Deus, consigo mesma e com o próximo, Lutero sintetiza naquilo que ele designa de conclusão<sup>15</sup>. A pessoa cristã tem seu centro fora de si: em Cristo e no próximo. A linguagem da mística, segundo a qual a pessoa que está unida a Cristo “é levada para o alto, acima de si mesma, em Deus”<sup>16</sup> não deve nos seduzir a abandonar a interpretação descendente do Tratado e da Pneumatologia nela descrita. Ela lembra, porém, mais uma vez, o caráter escatológico da fé. A fé é o “totaliter aliter”, aquilo que é completamente diferente de tudo o que o ser humano possa pensar ou produzir. Na fé, o Reino de Deus está presente, pequeno e aparentemente insignificante.

A prova dos nove da liberdade da fé em amor Lutero apresenta naquilo que ele chama de “adendo” ao Tratado<sup>17</sup>. Baseando-se em orientações de Rm 14-15, Lutero dá a sua opinião a respeito do modo como se deve lidar com pessoas dentro da Comunidade consideradas fracas na fé. Sem fazer uma identificação pura simples com categorizações sociológicas, é evidente que também estas têm sua relevância. Lutero tem sua preocupação voltada aos pobres e incultos, sujeitos a

---

<sup>14</sup> Cf. LUTERO, 1989, v. 2, 451-456.

<sup>15</sup> Cf. LUTERO, 1989, v. 2, 456-457.

<sup>16</sup> LUTERO, 1989, v. 2, 456.

<sup>17</sup> Cf. LUTERO, v. 2, 457-460.

todo o tipo de tirania por parte das autoridades eclesiásticas de seu tempo. O Reformador alerta contra leis humanas que querem se passar por leis divinas, relevantes para a salvação. Tradições, regras, usos, costumes podem ter sua utilidade para as consciências fracas. As pessoas em posição de liderança não devem, porém, oprimir e prender o povo simples com normas soteriologicamente indiferentes. Uma vez mais se mostra a perspectiva que rege o todo do Tratado: para baixo. Não se trata, porém, de um olhar prepotente e arrogante, mas amoroso, daquela pessoa que, ela mesma, experimentou a compaixão daquele Senhor que se humilhou.

### **Reflexões a partir do Tratado *Da liberdade cristã* para uma Pneumatologia em nossos dias**

A tese doutoral do teólogo estadunidense Lyle Dabney constatou, basicamente, três áreas que, nos anos 1980-1990, gozavam de especial interesse nas reflexões a respeito da pneumatologia<sup>18</sup>. Eventualmente, de lá para cá, as ênfases tenham mudado. De um modo geral, porém, entendo que os aspectos que Dabney menciona continuam atuais.

Uma vez, Dabney constata na modernidade um anseio por uma “experiência de Deus”, para o qual o Pentecostalismo, à sua maneira, oferece uma resposta. A modernidade ocidental, assim podemos complementar as reflexões de Dabney, com sua ênfase no intelecto e seu pathos ético-moral, esqueceu dos elementos, digamos, estéticos da existência humana. O luteranismo, ao menos o de origem germânica, é atingido, provavelmente, como poucos, por este diagnóstico. A influência de movimentos como Humanismo e Iluminismo levaram a uma atrofia de aspectos centrais para indivíduos e grupos de pessoas. Não se trata de negar ou menosprezar a importância das conquistas alcançadas pelos movimentos citados, mas apenas de lembrar aspectos esquecidos. Onde o ser humano é definido primordialmente como “ser racional” e/ou como “homo faber”, corre-se o perigo de reduzi-lo a aspectos que não abarcam o todo.

O Tratado *Da liberdade cristã* descreve exatamente uma “experiência de Deus”. Talvez não seja propriamente a experiência pela qual o ser humano do nosso

---

<sup>18</sup> Cf. DABNEY, Lyle. Die Kenosis des Geistes: Kontinuität zwischen Schöpfung und Erlösung im Werk des Heiligen Geistes. *Neukirchener Beiträge zur Systematischen Theologie*, Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1997. v. 18, 5-21.

tempo, e também de outras épocas, anseia. Pois a experiência, da qual Lutero fala, não apenas vem ao encontro de expectativas humanas pré-formuladas, mas primeiramente revela, sim, denuncia, a verdadeira carência de cada pessoa: o estar encurvado em si mesmo, a desconfiança em relação a Deus, da qual segue a falta de amor ao semelhante e às demais criaturas. O Deus que denuncia o pecado humano é o mesmo Deus que faz anunciar o Evangelho de Cristo, o perdão, a graça.

Pode um anúncio da justificação, conforme articulado em *Da liberdade cristã*, ter relevância atual? A pergunta pela relevância tem o perigo de nos sujeitar ao “mercado” das expectativas que nos cercam. Apesar disto, em meu entender, não faltam pontos de convergência entre o “mercado” e o anúncio da justificação do pecador. Enquanto Lutero ergueu a bandeira do “sola gratia”, vivemos em um mundo em que graça é um conceito que corre constante risco de extinção. Definimo-nos, por demais, não por aquilo que recebemos, mas por aquilo que nós mesmos fazemos. Num mundo – e também em Igrejas, não por último as luteranas – em que o que vale é a produtividade, não há espaço para o descanso ou para o fracasso. A Lei divina, que condena nosso fracasso, dói. Ela, porém, somente seria condenável se não viesse acompanhada do Evangelho, que nos diz onde nosso fracasso está bem guardado e onde nos é dado, sempre de novo, a chance de recomeçar. O Evangelho nos anuncia verdadeiramente “gratia praeveniens”, que nos liberta de ter que realizar o impossível, de criar o céu na terra ou de produzir a nós mesmos. O Evangelho é o domingo, o dia de descanso, do qual bebem os dias da semana, de trabalho. Eu não sou porque trabalho; já sou, antes de trabalhar. Não vou aqui me delongar na problemática de uma confiança idolátrica na razão. Reflexões semelhantes às que expus em relação ao trabalho, à produção, enfim, à ética, poderiam ser desenvolvidas a respeito da racionalidade. Em todo o caso: também não sou, porque penso.

O que nos interessa aqui é a pneumatologia. O Tratado *Da liberdade cristã* convida a nos compreendermos primordialmente como receptores, como agraciados. O Espírito Santo, indica Lutero, é quem concede tal percepção. Pessoas agraciadas são convidadas a passar graça adiante: sofrer com os que sofrem, chorar com os que choram, suportar culpa e fracasso alheio, levantar o caído. Também somos chamados a transformar situações de injustiça. Devemos, porém, lembrar que a nossa justiça sempre será apenas parcial. Não somos capazes da

justiça absoluta. Onde absolutizamos nossa justiça, tornamo-nos impositivos e apenas trocamos a injustiça alheia por uma forma de injustiça que nos é mais simpática. Sofrer com os que sofrem, chorar com os que choram, sem ter logo à mão uma fórmula de como mudar situações, pode ser sinal de que, de fato, levamos a sério o sofrimento alheio, não o bagatelizamos. Lutero fala, inclusive, de suportar a injustiça que outro nos causa. Entendo esta recomendação como tentativa de atualizar a recomendação de Jesus de dar a outra face a que nos fere<sup>19</sup>. É uma recomendação que não cabe bem em nosso tempo. Pode parecer masoquista ou dar a impressão de justificar a injustiça. Quem sabe, porém, expresse apenas o desejo de não se colocar mais lenha na fogueira de rivalidades, ódios e rancores, mas de alcançar perdão e reconciliação.

Nisto tudo acontece pneumatologia. O que Lutero descreve aponta para aquilo que nós, por nós mesmos, não somos capazes de fazer. Que Lutero quase não faz referência explícita ao Espírito, não se opõe à interpretação que aqui proponho. Pois, da mesma maneira que Cristo, o Espírito se humilha, se “encarna” na fragilidade humana, na palavra anunciada por mulheres e homens; na água, no pão e no vinho, elementos aparentemente banais do dia-a-dia. Onde Cristo é experimentado como dádiva de graça, perdão e vida, tornando-se, assim, também exemplo de amor ao próximo, ali o Espírito Santo está em ação. Por isto, uma referência inflacionária ao Espírito Santo é, na verdade, anti-pneumatológica. O Espírito Santo não está onde se fala mais dele, mas onde se dá testemunho de Cristo. Assim sendo, cabe perseverar no “solus Christus”, defendido por Lutero. Pois em Cristo nos é dada a identidade que precisamos na vida e na morte; ao mesmo tempo, o ímpeto e a direção para pensar e agir.

Um segundo dado mencionado por Lyle Dabney como impulso para a reflexão pneumatológica das últimas décadas é o movimento ecumênico internacional. Enquanto, assim Dabney, a pneumatologia das Igrejas de tradição latina estão orientadas na Cristologia, as de tradição ortodoxa se orientam na Teologia, na Primeira pessoa da Trindade. A Pneumatologia de tradição ocidental prioriza o elemento soteriológico do agir do Espírito Santo, enquanto a tradição oriental enfatiza seu agir na Criação. *Da liberdade cristã* dá pistas de como poderia ser uma Pneumatologia na qual o Primeiro e o Segundo Artigos não precisam estar

---

<sup>19</sup> Cf. Mt 5.39.

em concorrência. Pois a experiência pneumática da justificação, conforme Lutero a descreve, recorre a meios da Criação para acontecer. Trata-se da Palavra, que não cai do céu, não está de antemão gravada no coração humano, mas é anunciada por pessoas para pessoas. Que Jesus Cristo, de quem o Espírito Santo dá testemunho, é o caminho para o Pai e a porta de acesso ao coração divino, é um aspecto que Lutero destaca na sua explicação do Terceiro Artigo no Catecismo Maior<sup>20</sup>. A forma sacramental da Palavra não recebe destaque em *Da liberdade cristã*. Neste aspecto, o Tratado necessita de complementação. A ênfase na Palavra dada pelo Reformador levanta a pergunta pelo papel dos demais sentidos, além da audição, para a vida cristã. O destaque que Lutero, de um modo geral, dá à Palavra visível Batismo e Santa Ceia, de qualquer maneira sustenta a sua percepção da indivisibilidade das obras das Pessoas da Trindade e abre espaço para uma revelação que não está restrita ao ouvir. Também a relativa tolerância de Lutero em relação às imagens deixa transparecer que, para ele, criação e redenção não são opostos, mas parte de um mesmo plano de salvação do Deus triúno. Apesar disto, imagino que haja consenso quanto à percepção de um – ao menos, relativo – déficit estético ou sensorial no Protestantismo<sup>21</sup>. Práticas como imposição de mãos, unção de enfermos e outras, fomentadas em tempos recentes, ajudam a fechar esta lacuna.

Por fim, Dabney menciona ainda o que ele chama de uma “guinada para o mundo”<sup>22</sup> por parte da Teologia das últimas décadas como um dos impulsos principais para a reflexão pneumatológica. Também neste aspecto vale a pena ouvir o Reformador. O enfoque de *Da liberdade cristã* é cristológico e soteriológico. A Cristologia e a Soteriologia, porém, são mediadas pelo Primeiro Artigo, com ênfase na Palavra, e possibilitam, por sua vez, um novo olhar para a Criação. A perspectiva descendente que o Tratado destaca, revela que a salvação não conduz a pessoa cristã para fora, mas para dentro da criação. Aqui, então, também a ética tem o seu devido lugar. Lutero contesta qualquer tentativa de salvação – própria, mas, indiretamente, também de outros – pelas obras. Apesar disto, ele não ignora ou rejeita o agir da pessoa cristã. Exatamente porque vive da graça, a pessoa cristã

<sup>20</sup> Cf. LUTERO, Martinho. Catecismo Maior. In: *Livro de Concórdia: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1997, p. 451-457.

<sup>21</sup> Cf. as observações de DREHER, Martin N. *Coleção História da Igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. v. 3: A crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma, p. 53-57.

<sup>22</sup> O que no original se chama de “Hinwendung zur Welt” (cf. DABNEY, 1997, p. 16-21).

não se acomoda, mas arregaça as mangas em prol do seu próximo. Porque a salvação é graça, a pessoa cristã evita a indiferença em relação ao gemido da criação, ao mesmo tempo em que lembra que seu agir não produz o céu na terra, embora possa ser sinal do Reino, por cuja plena manifestação aguardamos e suplicamos.

### Referências:

ASENDORF, Ulrich. *Heiliger Geist und Rechtfertigung*. V&R unipress: Göttingen, 2004.

DABNEY, Lyle. Die Kenosis des Geistes: Kontinuität zwischen Schöpfung und Erlösung im Werk des Heiligen Geistes. *Neukirchener Beiträge zur Systematischen Theologie*, Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1997. v. 18.

DREHER, Martin N. *Coleção História da Igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. v. 3: A crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: LUTERO, Martinho. Carta de Lutero a Leão X, Sumo Pontífice. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. v. 2: O Programa da Reforma, Escritos de 1520. p. 425-426.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. 29.06.2012. Disponível em: < [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2170&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1)>. Acesso em: 31.07.2012.

LINDBERG, Carter. *As Reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

LOHSE, Bernhard. *Luthers Theologie in ihrer historischen Entwicklung und in ihrem systematischen Zusammenhang*. Vandenhoeck & Ruprecht: Göttingen, 1995.

LUTERO, Martinho. Catecismo Maior. In: *Livro de Concórdia: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1997. p. 385-496.

\_\_\_\_\_. Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. v. 2: O Programa da Reforma, Escritos de 1520. p. 436-460.

PRENTER, Regin. *Spiritus Creator*. Studien zu Luthers Theologie, München: Chr.Kaiser, 1954.

RIEGER, Reinhold. Von der Freiheit eines Christenmenschen / De libertate christiana. *Kommentare zu Schriften Luthers*, Tübingen: Mohr Siebeck, 2007. v.1.